

UMA NOVA MENTALIDADE?

Maria Catarina Chitolina Zanini*

A IV COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA

A IV Colônia de Imigração Italiana, situada na região central do Rio Grande do Sul, é composta pelos municípios de Ivorá, Faxinal do Soturno, São João do Polêsine, Silveira Martins, Dona Francisca, Nova Palma e Pinhal Grande, tendo todos em comum o fato de terem sido colonizados por imigrantes italianos no século passado. É uma região onde predominam as pequenas propriedades rurais familiares, tendo em média 20ha cada, onde são plantados arroz, batata, feijão, fumo, trigo, milho, mandioca, e, em pequena escala, soja. Aliam-se a estas culturas, o cultivo de variedades para o consumo doméstico e também a pecuária, que tem baixa produtividade devido ao relevo acidentado, ao solo pedregoso e à falta de tecnologia.

Quando percorremos estes municípios, deparamo-nos com o constante contraste entre os traços da tradição italiana e a mescla de valores regionais e nacionais. O interior dos municípios é organizado através de comunidades rurais, onde costuma haver uma igreja, salão comunitário, escola e praça de esportes. É uma região onde as montanhas traçam paisagens belíssimas e os habitantes falam ora os dialetos italianos (em especial, o vêneto) ora o português, formando quadros de rara beleza aos viajantes. Contudo, esta exuberância natural e cultural convive também com uma série de problemas ambientais. Entre eles, o desgaste do solo, a erosão e as estiagens, frutos de uma política de colonização e utilização da terra onde a relação homem/natureza se limitava a uma equação de produtividade e lucratividade imediatas. Contemporaneamente, muitas destas concepções têm sido revistas e o objetivo deste artigo é justamente refletir sobre

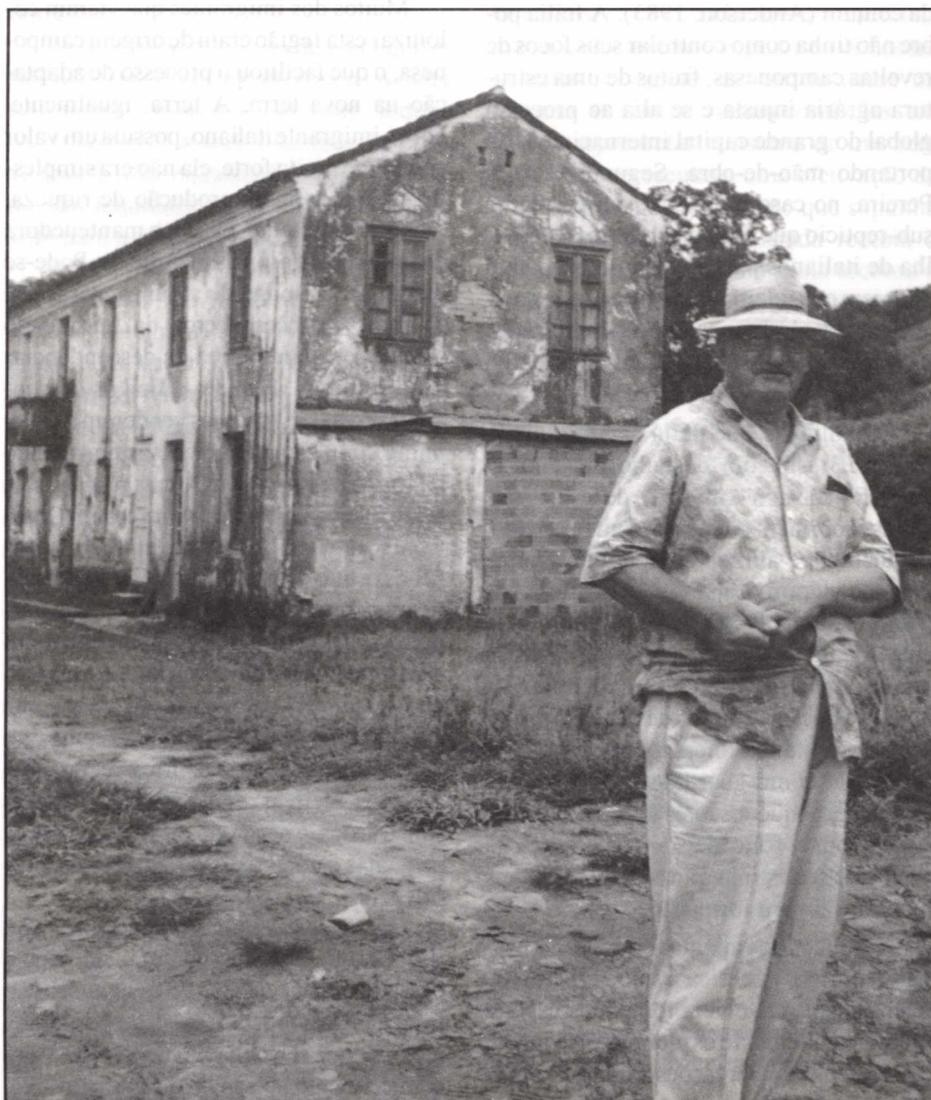


Foto enviada pela autora

a redefinição da relação homem/natureza que tem ocorrido entre os descendentes destes imigrantes italianos.

OS IMIGRANTES ITALIANOS

A colonização italiana, no Rio Grande do Sul, pode ser considerada como um

reflexo da era das revoluções na Europa, que expelia os seus indesejados sociais para locais menos efervescentes do planeta. O medo de convulsões sociais aliado ao expansionismo do capital fez com que multidões fossem atraídas e trazidas para as Américas. Era uma espécie de acordo entre Estados, a Itália precisava se desfazer de pobres e as Américas precisavam de

braços colonizadores. Os contingentes humanos que vieram de lá para cá tinham que pagar sua passagem e custear boa parte do processo migratório. Vinham especialmente para fugir das precárias condições de vida que tinham na Itália que fora unificada em 1870 e que reuniu sob o selo do Estado nacional várias etnias regionalizadas que não se percebiam como pertencentes a uma comunidade imaginada comum (Anderson, 1983). A Itália pobre não tinha como controlar seus focos de revoltas camponesas, frutos de uma estrutura agrária injusta e se alia ao processo global do grande capital internacional exportando mão-de-obra. Segundo Borges Pereira, no caso brasileiro, outro detalhe sub-reptício que estava por detrás da escolha de italianos para imigração era o fato de serem considerados, pelo governo, socialmente ideais: brancos, europeus, latinos, católicos-romanos e apegados ao trabalho (Borges Pereira, 1987, p. 231).

Os italianos que de lá saíam vinham para o Brasil com o sonho do "far la Mérica" (fazer a América), de terem suas terras próprias, sem patrão, com liberdade, democracia e alimento. Contudo, muitos dos que vieram acabaram sendo tragados pela lavoura cafeeira de São Paulo, onde substituíam a mão-de-obra escrava negra que fora abolida em 1888¹. Além das lavouras cafeeiras, alguns destes imigrantes eram destinados a colonizar o sul do Brasil e serviam como guardiões de fronteiras. Recebiam pequenos lotes de terras a serem pagos com o fruto de seu trabalho e sua produção se destinava aos núcleos urbanos que estavam em formação.

Os relatos de viajantes que se aventuravam rumo à América estão repletos de histórias que envolvem fome, desrespeito humano, violência e exploração. A viagem era feita em embarcações imundas, abarrotadas de pessoas e as mortes em alto-mar eram constantes. Havia famílias que se desestruturavam durante a travessia, perdendo pai e mãe, tendo que ficar as crianças com outros adultos que se dispusessem a criá-las.

Dentro deste quadro situacional, os imigrantes, assim que recebiam os lotes de terra, tinham um único objetivo, o de fazerem estas terras produzir o mais rápido possível para poderem pagar a dívida con-

traída com o Estado brasileiro e, ao mesmo tempo, sustentar suas famílias, muitas vezes numerosas. Foi isto, aliado à pouca tecnologia, que fez com que se criassem uma série de problemas ambientais nesta região.

OS IMIGRANTES E A TERRA

Muitos dos imigrantes que vieram colonizar esta região eram de origem camponesa, o que facilitou o processo de adaptação na nova terra. A terra, igualmente, para o imigrante italiano, possuía um valor simbólico muito forte, ela não era simplesmente um meio de produção de riqueza, mas especialmente, ela era a mantenedora da família e da própria identidade. Pode-se dizer que, ao longo de algumas gerações, as representações acerca da terra e do sangue (enquanto linha de descendência) se misturaram. É muito difícil os descendentes destes imigrantes venderem a terra, pura e simplesmente. Eles o fazem quando a família se torna por demais numerosa e não há terras suficientes para todos. Outro recurso é o de excluir as mulheres e os filhos estudados da herança. Desta forma, ficam com a terra aqueles filhos que permanecem amparando e trabalhando junto a seus pais. Há narrativas de informantes que relatam o sofrimento de terem que dividir ou se desfazer das terras que eram de seus antepassados e com a qual possuem vínculos afetivos muito fortes, desde as construções, o arvoredo, o parreiral, até as pequenas características naturais das propriedades.

Quando estes imigrantes chegaram ao Rio Grande do Sul, no final do século passado, a concepção que tinham sobre a terra, era de que esta deveria ser explorada ao máximo. Não havia no período um conhecimento acerca do desgaste do solo, seu empobrecimento e as conseqüências disto. Em verdade, esta política de atividades intensivas foi levada a cabo na região com fervor até meados dos anos oitenta deste século. Com os projetos desenvolvimentistas dos governos brasileiros pós-45, que incentivavam o uso de agroquímicos, a capacidade de produção de muitas destas propriedades chegou ao seu limite. Foi só dos anos oitenta em diante, devido às crescentes dificuldades e

baixa produtividade das terras, que se tem refletido sobre uma agricultura ecológica/sustentável onde sobrevivência e lucratividade não signifiquem destruição da natureza.

AS MATAS

Quando estes imigrantes iniciaram a colonização desta parte do Estado, havia ainda bastante mata nativa. Contudo, como os lotes concedidos eram pequenos e esta era uma região montanhosa, a mata era a primeira a ser destruída. Atrás desta pressa em fazer queimadas, estava a representação de que a floresta escondia seres perigosos, selvagens e que as clareiras abertas eram formas de proteção contra estes prováveis inimigos. Este temor e admiração com relação às florestas foi constatado por Busatto em relação a imigrantes italianos no Espírito Santo também. De acordo com o autor, a eliminação da floresta era concebida como uma vitória "e uma conquista humana, um sinal de progresso e de prosperidade" (Busatto, 1990, p. 249).

Meus informantes, contudo, acrescentaram que, aliado a este medo que os primeiros imigrantes sentiam em relação a algo que era desconhecido por eles na Europa, estava o fato de que os lotes concedidos eram pequenos e as famílias numerosas, o que forçava a este desmatamento como uma estratégia de sobrevivência. Sem muita tecnologia, precisavam explorar a terra ao máximo para fornecer alimento aos filhos, bem como pagar a dívida contraída com o Estado brasileiro.

Com quase um século desta política árdua de sobrevivência, não sobrou muita mata nativa e a terra perdeu muito de sua produtividade. Isto levou a que contemporaneamente, a concepção acerca da natureza e seu manuseio fosse revisto. Isto porque, em muitos locais, os rios não suportaram a falta de proteção em seus barrancos, levando ao desaparecimento de muitas fontes de água. Há também o fato de que muitos filhos destes imigrantes saíram da colônia e foram estudar nas cidades, formando-se agrônomos, engenheiros florestais, geógrafos, o que lhes despertou uma nova consciência acerca dos recursos naturais do lugar, sua utilização e exploração. Neste processo, foi elaborado, em 1995, em parceria entre os municípios, o

Projeto Prodesus (Projeto de Desenvolvimento Sustentável da IV Colônia), que obteve financiamento do BIRD (e de outras fontes) e que tem como objetivo estabelecer uma nova mentalidade acerca da relação homem/natureza nesta região.

UMA NOVA MENTALIDADE?

Entre as tradições que estes imigrantes trouxeram da Itália, estava o acentuado catolicismo. No conjunto de representações destes italianos, ecologia e religião eram fenômenos que se intercruzavam. Qualquer seca ou chuva prolongada era atribuída a castigos divinos (Costa, 1990), à falta de reza, fé ou gratidão. Estabelecer uma nova relação entre homem e fenômenos naturais fez parte de todo um processo de secularização onde o discurso científico passou a predominar sobre o discurso religioso, fato que foi se dando lentamente nestas famílias. Esta mudança se processou lentamente e, muitas vezes, só era aceita depois de exemplos pioneiros de práticas alternativas que eram introduzidas em determinadas propriedades e que davam certo, o que levava outras famílias a aceitarem as "novas tecnologias", menos imediatas, mas mais saudáveis, uma vez que a utilização de agroquímicos havia deixado muitos colonos com problemas de saúde. Aliado a este processo passaram a compreender também que muitos problemas naturais não eram simplesmente de origem divina, mas fruto da própria relação que eles estavam estabelecendo com os recursos naturais existentes na região.

Através do Projeto Prodesus, criado, desenvolvido e implantado pelas prefeituras, Emater, sindicatos rurais e outros órgãos associativos, que têm como metas o manejo florestal, a agricultura ecológica², o ecoturismo e a educação ambiental, pretende-se fomentar uma nova mentalidade acerca do uso da terra e da relação homem/natureza na IV Colônia de Imigração Italiana.

A nova proposta postula um modelo de agricultura autosustentável que pretende aproveitar dejetos animais, adubação verde, rotação de culturas, plantio direto na palha e reflorestamento. Pretende também criar esterqueiras, minhocários e preparar, através do que denominam de "educação

ambiental", as novas gerações para o cultivo equilibrado da terra. Almeja, igualmente, criar vínculos associativos entre os camponeses através do trabalho coletivo e mutirões, práticas que eram comuns até algum tempo atrás.

Os idealizadores deste projeto, na maior parte descendentes dos imigrantes, colocam que, através dele, pretendem criar condições concretas para que:

"a médio prazo as relações entre desenvolvimento e preservação passem a ser uma realidade materializada na conservação do patrimônio ambiental e na elevação da qualidade de vida das comunidades rurais e urbanas dos municípios participantes"

Esta nova mentalidade deveu-se ao empobrecimento destes municípios e também ao constante e crescente êxodo rural. Através da implantação deste projeto, pretende-se estabelecer uma nova relação onde a natureza seja preservada e se elevem os níveis de produtividade e lucratividade, buscando mercados consumidores para estes produtos isentos de agroquímicos. O turismo rural também é uma das metas de valorização das matas nativas, através da criação de trilhas ecológicas que mostrem a beleza natural do lugar. Este turismo permitiria que estes camponeses, para sobreviver, deixem de desmatar até o último resquício de mata para fazer roçados. Como um de meus informantes relatou: "...ter de se queimar 1 ha de mata para se colher algumas sacas de milho". Fato que até algum tempo atrás era rotina, hoje passa a ser questionado por estes camponeses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aliada a esta revalorização natural, os descendentes dos imigrantes italianos colonizadores da região da IV Colônia, de um modo geral, estão revivendo também o sentimento da italianidade, ou seja, o do pertencimento a uma origem comum: a imaginada Itália de seus antepassados. Há inúmeras atividades em todos os municípios, distribuídas ao longo do ano que tem como finalidade a valorização deste passado e raízes comuns. A identidade de "colono" hoje é assumida e vivenciada, apesar de reconhecerem que a sociedade nacional ainda os trata de uma forma estigma-

tizada, como seres rudes e grosseiros.

Dentro deste projeto de desenvolvimento autosustentável, o turismo representa uma das novas metas a ser alcançada e o reforço de uma identidade étnica comum seria um dos elementos que reforçariam a particularidade e singularidade do lugar e de seus habitantes.

É difícil para mim, por enquanto, tecer críticas mais apuradas sobre este projeto e sua aplicabilidade. Contudo, o que tem me interessado, em termos de pesquisa, é observar, como tem se estabelecido, nas comunidades, a relação entre o que seja o tradicional e o que pode ser o moderno nestas práticas que propõem técnicas alternativas de relação com a terra e sua produtividade.

* Maria Catarina C. Zanini é professora da UFMS e mestre em Antropologia Social. Desenvolve Projeto de Pesquisa sobre a IV Colônia junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFMS.

NOTAS

1 - Falar em escravidão de imigrantes italianos seria exagero, contudo as relações de trabalho que se estabeleceram nas fazendas de café eram praticamente deste tipo (Petroni, 1987). Como Roediger (1991) relata no processo de colonização norte-americano, pode-se dizer que aqui também houve uma espécie de "salário da brancura", pois, sem dúvida, os italianos eram melhor tratados do que haviam sido os negros.

2 - Agricultura ecológica, de acordo com o projeto, seria um conjunto de práticas que visariam "eliminar/diminuir" o uso de agroquímicos e "recuperar/conservar" o solo.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict
(1983) *Imagined communities*. London, Verso.
- BORGES PEREIRA, João Baptista
(1987) O imigrante italiano no mundo rural paulista. In: DE BONI, Luis A. (org.) *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia. pp. 224-250.
- BUSATTO, Luiz
(1990) Dilemas do imigrante italiano no Espírito Santo. In: DE BONI, Luis A. (org.) *A presença italiana no Brasil*. v. II. Porto Alegre; Torino, Escola Superior de Teologia: Fondazione Giovanni Agnelli. pp. 214-259.
- COSTA, Rovilio
(1990) Culto à Maria entre os descendentes italianos no RS. In: DE BONI, Luis A. (org.) *A Presença italiana no Brasil*. v. II. Porto Alegre; Torino, Escola Superior de Teologia: Fondazione Giovanni Agnelli. pp. 531-544.
- PETRONI, Maria Theresa Schorer
(1987) O imigrante italiano na fazenda de café, em São Paulo. In: DE BONI, Luis A. (org.) *A Presença italiana no Brasil*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia. pp. 102-119.
- ROEDIGER, David. R.
(1991) *The Wages of Whiteness*. London, Verso.